

A “Bela” Opressão

É segunda-feira, dia mais corrido da minha semana, mas não resisto e sento em frente ao computador. Abro minhas redes sociais e uma notícia logo me chama atenção:

“Querem que eu use burca na praia! – desabafa Betty Faria”

Abro e leio. Ao que me parece, a atriz de 72 anos foi xingada após ter fotos de biquíni – em um momento de descontração na praia – publicadas na internet. Não satisfeita, abro a manchete mais antiga, com as fotos da discórdia. Os comentários mais delicados dizem que Betty é “velha demais para usar biquíni”. Alguns, mais agressivos, xingam-na de feia, gorda e “sem-noção”, mas todos tocam no mesmo ponto: o pecado (!) de uma mulher com a idade da atriz usar um biquíni e se divertir na praia, sob o olhar estupefato dos machistas de plantão!

Gostaria de estar chocada e indignada, mas estou apenas indignada, pois não posso fingir não saber que vivo em uma sociedade muito machista. O episódio de Betty apenas destaca algo que acontece todos os dias neste Brasil varonil. Afinal, quantas mulheres já foram apontadas como “velhas demais para usar biquíni”, só no último verão?

Quantas, em qualquer idade, deixaram de ir à praia ou à piscina por não estarem completamente depiladas?

Quantas deixaram de comer a sobremesa por se sentirem gordas?

E mais: quantas já escutaram insultos, em tom brincalhão ou agressivo, sobre sua aparência? Quantas voltaram tristes da escola ou do trabalho após ouvirem que “deveriam se cuidar mais” e serem “menos desleixadas”?

Inúmeras. Incontáveis. Várias Bettys, Amandas, Marinas, Anas, Gláucias, Fernandas e Godofredas, de todas as idades, classes sociais, etnias e crenças, já se sentiram inferiorizadas ou humilhadas por sua aparência. Por não se parecerem com modelos exaustivamente retocados e inatingíveis de perfeição.

E quantos Zes, Jacintos, Pedros, Rodrigos, Georges, Carlos, Antônio e Godofredos deixaram de ir à praia ou ao clube por não terem “barriga de tanquinho” ou as axilas depiladas no último verão? Certamente, nenhum. Aliás, é bastante provável que o mesmo fulano que chamou Betty Faria de gorda e velha tenha mais de 50 anos e uma barriga muito maior do que a dela. Mas está tudo bem, afinal, ele é um homem!

Quando eu falo em feminismo, a maioria das pessoas solta risinhos de zombaria, para depois me dizer que estou sendo neurótica e que o machismo acabou faz tempo.

Não acabou. Muito pelo contrário. Machismo não é só impedir mulheres de votar, bater na esposa ou arranjar casamento para a filha. Machismo também é achincalhar uma mulher de 72 anos que resolveu usar um biquíni e não ver nada de errado em um homem da mesma idade usar sunga na praia. É uma hipocrisia muito grande dizer que o machismo acabou enquanto a ditadura da aparência afeta muito mais às mulheres do que aos homens. 90% das vítimas mortais de transtornos alimentares como a anorexia nervosa são mulheres, as mesmas que são tachadas de fúteis e vazias quando a doença é descoberta. As mesmas que são rejeitadas em entrevistas de emprego porque “não apresentam boa aparência”, e que passam horas em salões de beleza cortando e esticando os cabelos, sentindo dor ao arrancar pelos das sobrancelhas e de todo o resto do corpo, enfim, tudo para tentar atingir um ideal inatingível de beleza.

É dito, em tom de piada, que mulheres se arrumam dessa forma para chamar a atenção das outras mulheres. O que poucos sabem é que nós não nos arrumamos para chamar a atenção de ninguém. O objetivo é justamente o contrário: não chamar atenção. Sabemos que, se nos encaixarmos perfeitamente no padrão, seremos tachadas de burras, fúteis e “vagabundas”, mas também sabemos que se estivermos muito fora dele, seremos achincalhadas como Betty. Uma menininha de 5 anos recebe o conselho de “ficar quietinha para não sujar a roupinha”, mas um menino da mesma idade é incentivado a brincar e se sujar, como toda criança deveria ser. São conceitos impostos e naturalizados já na primeira infância.

É triste perceber que a maioria das mulheres, na situação de Betty Faria, deixaria de usar biquíni ou sequer iria à praia. Isso demonstra o quanto a gente internaliza, mesmo sem querer, a ditadura da aparência.

Somos mais do que nossos corpos, rostos e cabelos mostram. E a beleza não reside apenas nos padrões rígidos e perfeccionistas impostos, mas principalmente nas pequenas particularidades que nos fazem ser quem somos. As rugas adquiridas com o tempo não deveriam ser encaradas como marcas inconvenientes de feiúra, e sim como sinais de experiência e beleza, de uma vida que está sendo vivida com prazer e sabedoria, de anos de alegria e agruras vencidas.

É preciso voltar os olhos para essa ditadura de “beleza jovem e magra” para que a igualdade de gêneros possa ser uma realidade mais próxima de nós. O caso Betty Faria foi apenas a expressão de uma discriminação e cobrança que está presente todos os dias, aprisionando mulheres de todas as idades e classes sociais. Espero que o barulho causado pela atriz traga alguma reflexão a respeito dessa ditadura. Espero também,

sinceramente, que ela use tantos biquínis quanto quiser e inspire outras mulheres da mesma idade a fazer o mesmo. Se a atenção dada ao caso não foi suficiente para iniciar uma quebra de padrões, nós daremos um empurrãozinho.